

REVITALIZAÇÃO EM ESPAÇOS URBANOS: Praça Veiga Cabral na cidade de Macapá-AP

Bianca Borges Morais¹
Felipe Moreira Azevedo²

RESUMO

O presente artigo monográfico tem como objetivo propor a revitalização da Praça Veiga Cabral, em Macapá-AP, na qual constatou-se a partir de estudos e análises *in loco*, o não cumprimento a normas e legislações vigentes e, principalmente, de acessibilidade. Assim, objetiva-se nesta produção acadêmica, por meio da junção da importância e funcionalidade das praças a estudos e pesquisas, buscar proporcionar o conforto, segurança, lazer e acesso a todas as pessoas a mesma. Tais estudos e pesquisas se deram por meio de levantamentos de campo, ocasião em que foi realizado o registro fotográfico e as entrevistas a frequentadores, comerciantes, trabalhadores dos arredores e na banca do Dorimar, que é referência à anos como banca de jornal do local, trazendo assim uma perspectiva popular e norteando o desenvolvimento do trabalho em busca do objetivo de viabilizar a revitalização da Praça Veiga Cabral.

Palavras-chave: Praça Veiga Cabral. Revitalização. Projeto de Paisagismo.

ABSTRACT

The present monographic article aims to revitalize Veiga Cabral square, in Macapá-AP, in which it was found, from studies and analyzes *in loco*, the non-compliance with current rules and legislation and especially accessibility. Thus, the objective of this academic production is to combine the importance and functionality of the squares with studies and research, seeking to provide comfort, safety, leisure and access to all people. Such studies and research took place by means of field surveys, through which the photographic record and interviews were conducted with regulars, traders, workers in the surroundings and at the Dorimar newsstand, which is a reference to years as a newsstand in the thus bringing a popular perspective and guiding the development of work in pursuit of the objective of enabling the revitalization of Veiga Cabral square.

Keywords: Veiga Cabral Square. Revitalization. Landscaping Project.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura do Centro de Ensino Superior do Amapá.

² Arquiteto e Urbanista - Graduado pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do Centro de Ensino Superior do Amapá (CEAP).

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das cidades faz com que novas diretrizes de urbanização sejam implantadas para atender a demanda da população. A utilização das praças para determinadas atividades, evidenciam uma emergente necessidade de proporcionar à população um espaço que atenda as especificidades dos usuários. Nesta visão, a Praça Veiga Cabral, marco histórico segundo as bibliografias existentes sobre Macapá, e, também, como apontados pelos moradores mais antigos do bairro Central³, devido ser à primeira Praça do Estado, chama a atenção.

A partir destes apontamentos e levando-se em conta sua importância no contexto histórico e cultural macapaense, iniciou-se um estudo, análise e investigação acadêmica, a fim de avaliar a situação atual da mesma e a instigação para a proposta de revitalização, com o intuito de reorganizá-la adaptando-a ao lazer da sociedade atual, a partir do seguinte questionamento: como revitalizar a Praça Veiga Cabral, promovendo uma nova setorização dos serviços, para que a mesma seja um local que atenda as demandas dos usuários em geral?

O objetivo geral deste trabalho foi desenvolver uma proposta projetual para revitalização da Praça Veiga Cabral, na cidade Macapá, estado do Amapá, organizando e visando fortalecer seu potencial turístico, cultural e econômico, o livre exercício do urbanismo e paisagismo, observando os aspectos climáticos.

Para o alcance deste, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever os aspectos conceituais e teóricos de equipamentos públicos como aqueles que envolvem projetos arquitetônicos de praças;
- b) Elaborar estudos preliminares para orientar no desenvolvimento da proposta arquitetônica de revitalização da praça tais como os condicionantes locais e legais, correlatos, dentre outros;
- c) Apresentar a proposta projetual para a revitalização da Praça Veiga Cabral visando à setorização e melhoria dos serviços nela contidos e padrão adequado de acessibilidade.

A pesquisa, em termos teóricos, serve de referência para estudos tanto acadêmicos quanto escolares. Em contribuição prática servirá para (re)setorizá-la fazendo com que se torne um lugar com mais permanência, melhor aspecto em termos de lazer e cultura. Quanto à finalidade a pesquisa foi aplicada, pois tem como objetivo gerar conhecimento para a aplicação prática, direcionado a solução de problemas específicos e gerar novas ideias (FLEURY; WERLANG, 2017).

A abordagem da pesquisa foi quali-quantitativa, usando métodos estáticos de softwares e a interpretação da pesquisadora como forma de análise. Quanto aos objetivos classifica-se como exploratória, com finalidade de proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando a definição e o delineamento

do mesmo, facilitando a delimitação do tema da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

De acordo com os procedimentos metodológicos a pesquisa enquadrou-se em bibliográfica e de levantamento, pois a elaboração da primeira se dá por meio de materiais já publicados (PRODANOV; FREITAS, 2013) e o segundo usa-se para confirmar ou negar determinada informação dentro de um grupo de controle (FONSECA, 2002).

Para tanto, em fins de organização deste artigo monográfico, divide-se em três partes: o primeiro é o referencial teórico, visando abordar conceitos que norteiam o tema e ao projeto. O segundo abrange o histórico completo da Praça Veiga Cabral, juntamente com o levantamento arquitetônico, o diagnóstico, as pesquisas práticas e os resultados, feitos para a elaboração do projeto. O terceiro apresenta a proposta arquitetônica e composição projetual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PAISAGISMO

Segundo o paisagista Abbud (2010, p. 15) “o paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano”, enquanto as demais artes plásticas usam somente o sentido da visão, em um jardim quanto mais se instiga todos os sentidos, melhor desempenha a sua função, ou seja, cada sentido atua e se estimula no paisagismo.

A visão é o primeiro que se refere. Segundo Abbud (2010), de todos os sentidos esse é o mais complexo, pois é ágil e móvel, alcançando uma sequência de planos, que quanto mais distante, mais desfocado fica. E mais, a visão faz com que se deslumbre com os aspectos da natureza.

No sentido do tato, diz-se que é necessário o contato direto com a natureza para sentir as sensações que ela transmite como os aspectos físicos. No sentido do paladar, a degustação de frutas, flores comestíveis, ervas etc. Em sentido auditivo, o encanto se dá em reconhecer os cantos dos pássaros, ruídos dos mais diversos animais, a corredeira das águas, dos ventos batendo nas plantas e árvores e barulho de galhos e pedras quando pisados (ABBUD, 2007).

Por fim, com base no autor acima destacado, há o sentido do olfato com que se possam distinguir os cheiros das plantas na manhã, ao fim da tarde e em dia de chuva, sendo pelo perfume das flores ou pelo odor do recém corte da grama. Reunindo as essências do paisagismo, o aroma pode até caracterizar um lugar, caminhos ou até mesmo formar jardins temáticos de cheiros.

Ainda no que se refere ao paisagismo, Lira Filho (2012) compreende como um ramo que envolve todas as áreas onde se memoriza a existência humana. Sendo assim, tanto em áreas urbanas e rurais, o paisagismo atua como proporcionalidade entre o ser humano e a natureza, beneficiando-se com simetria das vantagens

³ Poligonal do bairro: partindo do Parque do Forte subindo a rua Rio Matapi, seguindo na Av. Feliciano Coelho, para a direita na rua Hildemar Maia, para a direita na Av. Almirante Barroso, para a esquerda na rua Hamilton Silva, para a esquerda na Av. FAB, para a

direita novamente na rua Hildemar Maia, para a direita na Av. Ernestino Borges, para a direita na rua Candido Mendes, para a esquerda na rua Rio Tefé e toda a extensão da Beira Rio até chegar no ponto de partida, segundo Google Maps, 2020.

que o meio ambiente natural lhe oferece, para a satisfação de uma vida melhor.

Já a paisagem e lazer encaixam-se em duas categorias, a de lazer ativo e passivo, elas caracterizam-se respectivamente por serem utilizadas para a prática recreativa e esportiva e para contemplação da paisagem sendo em um passeio a pé ou com meio de transporte e até mesmo para uma simples descontração. Inclusive, a influência da arborização e áreas verdes nas ruas, proporciona à paisagem um aspecto diferente, gerando inúmeros benefícios à população (LIRA FILHO, 2012).

O autor acima ainda descreve que espaços como praças, parques, largos, jardins, quintais, pátios, entre outros, são elementos principais para a composição da paisagem urbana e representa, em companhia com as construções, um sistema mutuo, onde ocorrem as atividades do cotidiano urbano, dentre elas o lazer e a circulação.

Lira Filho (2012) acrescenta o valor social das áreas verdes, que cumprem papel equilibrador entre as variadas camadas dos indivíduos, pela existência de praças e parques públicos, unindo pessoas de todas as esferas sociais, idades e gêneros, promovendo o convívio social. Perante isso, devem-se levar em consideração as capacidades de melhorias dos espaços vazios, privados ou públicos, expandindo alternativas para preencher o déficit de áreas de lazer nas cidades.

2.2 PRAÇAS: ESPAÇOS URBANOS E LIVRES

Segundo Robba e Macedo (2002), praças são espaços urbanos e livres, destinados ao convívio da população, livre de veículos e completamente aberto aos cidadãos. Habermas (1894 apud CARVALHO; FRANCISCO; BRAGA, 2004), na sua perspectiva, ressalta que o espaço público enquanto lugar onde o público se reúne para formar a “opinião pública” apresenta-se como um órgão de intermediação entre a sociedade civil e o Estado. Por esta razão entende-se a praça como espaço público, âmbito onde o cidadão se torna coletivo, o privado se torna público e os indivíduos formam as opiniões.

As praças estão coligadas a funções sociais e ambientais, servem para recreação, amenização do clima local, circulação de pessoas, entre outros. Logo, estão relacionadas como espaços urbanos, um espaço livre no qual está inserida na malha urbana, com predomínio do piso construído/pavimentado, apresentando vegetação (LIRA FILHO; PAIVA; GONÇALVES, 2001).

De acordo com Lira Filho, Paiva e Gonçalves (2001, p.137), “praça é tradicionalmente o local de encontro com funções de lazer, recreação e demais atividades socioculturais (políticas, religiosas, artísticas, etc.) comunitárias”.

Orlandi (1994 apud DE ANGELIS et al, 2015, p.2) se refere às praças como:

Um nó formal que melhor representa a qualidade do espaço urbano, a praça constitui, por si só, um sucesso a atestar os valores sociais alcançados pela comunidade, que soube dar o justo valor às funções institucionais na organização civil.

Completando estes pensamentos, Sitte (1992, p.25 apud DE ANGELIS et al, 2015, p.2) descreve que nas

praças “[...] Concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizava-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”.

2.3 ACESSIBILIDADE URBANA

Para o olhar humano, é através da acessibilidade que se pode esperar a inclusão social e reduzir as desigualdades, disponibilizando os serviços públicos e humanos a todos os campos e dificuldades, sejam elas permanentes ou temporárias.

Portanto a acessibilidade é imprescindível para o planejamento urbano nos tempos atuais, de forma a tentar minimizar as barreiras e desigualdades no âmbito social (FERRAZ; TORRES, 2004).

Segundo Bellé (2013) a palavra acessibilidade é vasta, ela não se refere somente a pessoa com deficiência, mas também a qualquer tipo de restrição física que prejudique o movimento e a locomoção, ocasionando nas pessoas dificuldades para alcançar seu destino. Então, acessibilidade é a oportunidade de se ter ingresso seguro e com autonomia aos espaços, transporte e meios de comunicação.

Para Stephen Carr (1995 apud ALEX, 2008) o acesso público se classifica em três tipos: físico, visual e simbólicos ou sociais. O primeiro faz referência à falta de obstáculos, ao referir-se ao espaço público deve ser levada em conta a localização das aberturas, travessia das ruas e condição ambiental dos caminhos. Se tratando de acesso visual, estabelece-se que é o primeiro contato do usuário com o lugar, fazendo com que se perceba se há riscos ou não. Já os simbólicos ou sociais, refere-se aqueles acessos que são ou não permitidos no lugar, usando sinais oficiais ou sutis, ou obstáculos.

De acordo com a ABNT NBR 9050/15, a sinalização tátil e visual de piso mostra que esta pode ser direcional e de alerta, tendo a largura das calçadas dividida em três faixas de uso:

- a) Faixa de serviço: serve para acomodar o mobiliário, os canteiros, as árvores e os postes de iluminação ou sinalização;
- b) Faixa livre ou passeio: destina-se exclusivamente à circulação de pedestres, deve ser livre de qualquer obstáculo;
- c) Faixa de acesso: é o espaço de passagem da área pública para o lote.

Em relação à redução do percurso da travessia para as pessoas com deficiência, como os cadeirantes, as rampas tornam-se um meio de facilitar o acesso à via, assim a ABNT NBR 9050/15 recomenda que se alargue a calçada, em ambos os lados ou não, sobre o leito carroçável. Desse modo, proporciona o conforto e a segurança, podendo ser aplicada para faixa elevada como para rebaixamento de calçada, próximo das esquinas ou no meio de quadra.

No que diz respeito ao mobiliário urbano, a ABNT NBR 9050/15 destaca:

- a) Pontos de embarque e desembarque de transporte público
- b) Deve ser preservada a faixa livre na calçada, sendo que nenhum elemento desse espaço pode interferir na faixa livre de circulação de pedestres, tendo lugar reservado para Portador

de Cadeira de Rodas (P.C.R).

- c) Lixeira e contentores para reciclados instalados fora da faixa livre de circulação e com espaçamento e altura adequada para que o P.C.R possa alcançar para utilizar.
- d) Assentos públicos.

O mobiliário deve ter altura entre 0,40 m e 0,45 m, medida na parte mais alta e frontal do assento com largura do módulo individual entre 0,45 m e 0,50 m e profundidade entre 0,40 m e 0,45 m.

2.4 REVITALIZAÇÃO

Segundo Pisani (2002, p. 1) revitalizar significa tornar a reincidir ou dar vida nova a alguém ou algo “[...] fazer intervenções em edifícios ou áreas urbanas a fim de torná-los suscetíveis a terem usos mais acentuados, torná-los instigantes para desencadear atividades que garantam a vivacidade da área”.

Conforme a Carta de Lisboa revitalização urbana (1995, p.01) “Engloba operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas”.

De acordo com a Carta dos Jardins Históricos Brasileiros (2010, p.8) revitalização:

Designa a reutilização de um bem cultural e sua adaptação a novos usos, observando aquilo que lhe é essencial: o abrigo de atividades humanas ou os fatores ambientais para o desenvolvimento de atividades como as recreativas, de lazer, contemplação, esporte, etc.

A importância dos jardins históricos para esta carta refere-se o fato que nela, estes, sendo públicos ou não, levam aos visitantes uma nova visão e novos comportamentos onde eram desconhecidos até então. Um jardim desse tipo é capaz de revelar a história da terra, da natureza e até mesmo do homem, por isso preservá-lo é um ato de respeito ao equilíbrio ambiental, a vida e ao patrimônio humano. Logo é dever da atual geração ensinar aos herdeiros a cuidarem desse legado.

A palavra revitalização, também é empregada ao termo intervenção urbana. Cada termo de intervenção urbana tem uma utilização diferente, mas com o mesmo objetivo, dar um novo valor a área (BEZERRA; CHAVES, 2014). A necessidade de intervenção em centros urbanos se dá não apenas para que se conserve toda a estruturação existente, mas, pela necessidade de restaurar a identidade dos espaços e das pessoas com que se relaciona.

3 HISTÓRICO E DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DA PRAÇA VEIGA CABRAL

3.1 HISTÓRICO DA PRAÇA

De acordo com pesquisas na Biblioteca Pública Prof.^a Elcy Lacerda e no Museu Histórico Joaquim Caetano, a Praça Veiga Cabral, nome estabelecido em 1945 para homenagear a Cabralzinho (Francisco Xavier da Veiga Cabral), ícone na histórica amapaense. Foi

nomenclatura dada pelo então governador na época, capitão Janary Nunes, porém anteriormente, de acordo com De Araújo (1998) era conhecida como Largo da Matriz ou Largo de São José, depois chamada de Praça ou Largo de São Sebastião em meados de 1916 e 1932, posteriormente recebendo o nome de Praça Capitão Assis de Vasconcellos.

Foi o local de celebrações das primeiras cerimônias da cidade de Macapá como em 1758 com a fundação da Vila de São José de Macapá, sendo erguido no local o “Pelourinho”, monumento que simbolizava a franquia municipal, assim como foi a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Igreja de São José.

Figuras 01 e 02 – Primeiro Mapa de Macapá, e Vista superior da Praça



Veiga Cabral atual, respectivamente.
Fonte: Editado pela autora, 2018.

De acordo com os dados técnicos da SEINF/AP, a área originalmente correspondia a entorno de 154 metros de comprimento e 131 metros de largura (figura 01). Porém, o terreno dividiu-se em duas partes, não se sabe o ano exato, surgindo a chamada Avenida Mario Cruz, e então em 1998, parte da praça foi ocupada pelo Teatro das Bacabeiras e atualmente (figura 02) tem área de 8.300m².

Com as pesquisas feitas no Museu Histórico Joaquim Caetano, quando ainda era chamada, na década de 40, do século XX, de Largo de São Sebastião ou ainda Largo da Matriz, era usada como área de recreação para os alunos da escola pública, Grupo Escolar de Macapá, que ficava onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública Prof.^a Elcy Lacerda (figura 03).

Figuras 03 e 04 – Alunos em atividade de recreação na Praça, e Alunos da primeira turma da Escola Normal de Macapá, respectivamente.



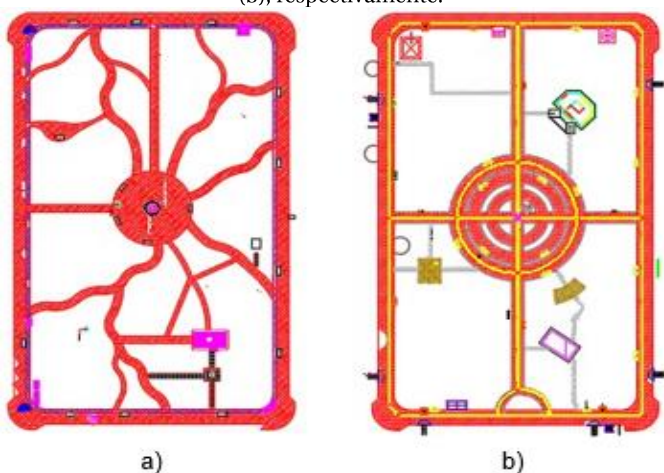
Fonte: Acervo Museu Histórico Joaquim Caetano, 1946/1950.

Na continuação da pesquisa feita no Museu, destaca-se a figura 04 onde percebe-se que existiram edificações na praça, ainda quando Largo, como o primeiro coreto de dois que existiram na praça, local de encontro da sociedade macapaense, onde ocorriam missas e apresentação de músicas, dando destaque a banda da Guarda Municipal. A frente do coreto nota-se a parte de um telhado de palha, que era a Barraca da Santa, usada para celebrações religiosas em prol de Nossa Senhora de Nazaré e ao Padroeiro São José.

Em meados dos anos 60, quando ainda se chamava Largo da Matriz teve uma intervenção, surgindo: playground, postes com luzes fluorescentes, calçamento e um paisagismo com ajardinamento e a permanência das antigas mangueiras. Muito tempo depois sofreu a primeira revitalização, ganhando então forma diferente no passeio, arborização de pequeno e médio porte, bancos de concreto, melhoria na parada de ônibus, calçada, uma lanchonete de alvenaria e guarita da guarda municipal.

Desde o último dado histórico da praça até o ano de 2016, quando foi à última revitalização, encontrou-se registros de mudanças na praça somente em meados da primeira década dos anos 2000. Pode-se perceber que a forma atual (figura 05 a), tem um desenho parecido com a de outrora (figura 05 b).

Figura 05 – Planta baixa antes da atual (a) e planta baixa atualmente (b), respectivamente.



Fonte: Autora, 2020.

Além do monumento Cabralzinho, outro marco da praça é a Banca Canarinho, mais conhecida por Banca do Dorimar (em 2000 a banca foi instituída como Área de Preservação Cultural, através da Lei nº 1062/2000), que segundo relato do próprio Dorimar Marques Monteiro em entrevista concedida a autora deste Artigo, sua história com o local de trabalho começou em 1974.

3.2 LEVANTAMENTO ATUAL

Hoje o espaço da Praça é usado para eventos na época do Círio, como gastronômicos e palco de concentração de jovens. Tendo como obra mais relevante à mudança, mais uma vez, do passeio da praça, implantando uma biblioteca verde, local destinado a exposições culturais, área de jogos para idosos, meio fio, guarita, bar/lanchonete e canteiros paisagísticos. Em 2018, foi implantado um abrigo para passageiros e pedestres e um espaço dedicado à prática da capoeira.

Em análise e levantamento das vegetações e arborizações existentes, detecta-se que: das árvores altas há *adenanthera pavonina* popularmente conhecida como Olho de pavão, a *Syzygium malaccense*, chamada de Jambiro e a Mangueira, cientificamente conhecida como *Mangifera indica*. Observa-se ainda o arbusto *Ixora coccínea*, conhecida como Ixora e a árvore média *Hibiscus rosa-sinensis* conhecida como Mimo de Vênus

ou Hibisco.

Segundo o Plano Diretor do Município de Macapá - Lei Complementar nº 029/2004 o terreno está localizado no Setor Comercial 1 (SC1), o setor caracteriza-se pelo uso e atividades (quadro 01) e de parâmetros para ocupação do solo (quadro 02).

Quadro 01– Usos e atividades.

SETOR	USOS E ATIVIDADES		
	DIRETRIZES	USOS PERMITIDOS	OBSERVAÇÕES
Comercial - SC1	centro de comércio e de serviço da cidade	residencial uni e multifamiliar, comercial e industrial níveis 1 e 2; de serviço níveis 1,	somente cinema e teatro no uso de serviços nível 3 e nível 4 somente hotel ou pousada.

Fonte: Lei Complementar nº 029/2004 – PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE MACAPÁ– Editado pela autora.

Quadro 02– Parâmetros para ocupação do solo.

SETOR	DIRETRIZES PARA INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	PARÂMETROS PARA OCUPAÇÃO DO SOLO						
		CAT básico	CAT max.	Altura Máxima da Edificação n° pavtos (m)	Taxa de ocupação Máxima	Taxa de Permeabilização Mínima	Afastamentos Mínimos	
							Frontal (m)	Lateral e fundos (m)
Comercial - SC1	alta densidade verticalização baixa e média	2,5	3	23 metros 7 pavimentos	80%	isento - lotes até 250m² 15% para lotes acima de 250m²	isento - OH (com/servi/misto) 3,0 -OH (resid)/VB 0,15xh - VMVA	isento em uma das divisas e 1,5 nas demais - OH 0,15xh - VB/VMVA

Fonte: Lei Complementar nº 029/2004 – PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE MACAPÁ– Editado pela autora.

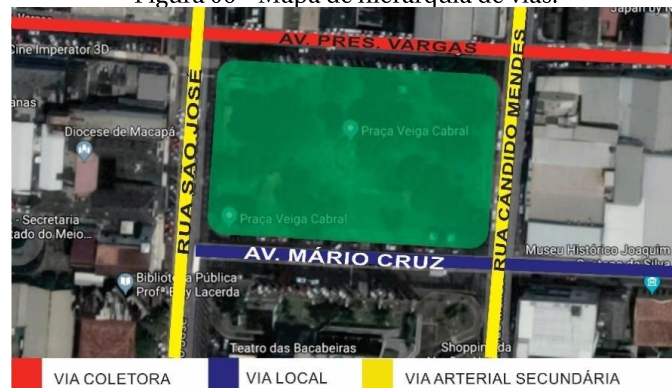
Das diretrizes gerais relacionadas às praças no Plano de Arborização Urbana do Município de Macapá, diz o Capítulo II, Art. 4º, página 8 a 10:

XI – compatibilizar e integrar os projetos de arborização de vias com a sinalização de trânsito, iluminação pública e redes de distribuição e demais equipamentos urbanos; (...)

XVI – inserir a arborização urbana no contexto do desenho universal, para garantir a acessibilidade no espaço urbano e promover a inclusão no município;(...)

Destaca-se também que a área de intervenção fica as margens das avenidas Presidente Vargas e Mário Cruz e Rua São José e Cândido Mendes. A Avenida Pres. Vargas, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá é via coletora, controlada em parte por semáforos e a Avenida Mário Cruz sendo via local (figura 06). As ruas São José e Cândido Mendes são consideradas arteriais secundárias, havendo também sinalizações por semáforos.

Figura 06 – Mapa de hierarquia de vias.



Fonte: Google Maps – Editado pela autora, 2018.

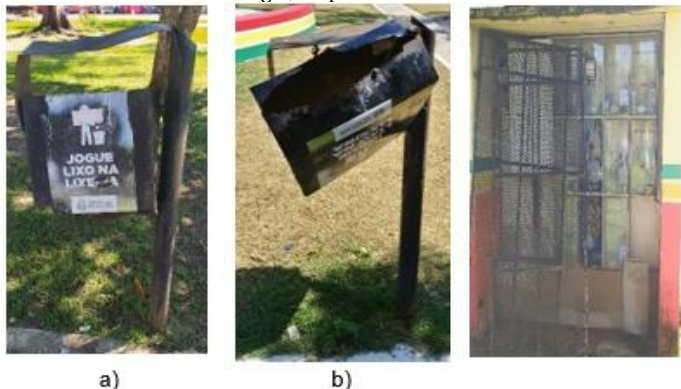
Diante disso, pela praça conter pontos de meio de transporte é importante ressaltar a mobilidade urbana aliando às melhorias para o espaço onde estão inseridas. Como no caso da parada de ônibus, que é um local pequeno e não comporta a demanda de pessoas. Torna-se, também, necessário melhorar o recuo para esta, fazendo com que os mesmos não atrapalhem o trânsito. E para os pontos de táxi e moto táxi, pois os mesmos ficam em espaço reservado na rua.

Foram realizadas pesquisas de campo (com registros fotográficos) no período de 12 a 16 de fevereiro 2020. O levantamento fotográfico só foi possível ser feito no período do dia, porém foi plausível constatar que a iluminação não atende corretamente os anseios do local por motivos de má distribuição e quantidade dos postes, e de vegetação no terreno.

Existem dois tipos de postes de iluminação espalhados na praça, os de LED de 30W localizados na parte onde está o monumento de Cabralzinho e nos principais caminhos e o segundo tipo de postes estão dentro de cada ambiente da praça, sendo estes um modelo mais antigo com lâmpadas fluorescentes.

Aponta-se ainda que há onze lixeiras existentes, de dois modelos, onde nenhuma é seletiva, com seis de plástico e cinco de ferro, porém estas estão todas depredadas (figura 07 a e b). Na figura 08 nota-se que a casa com os registros de energia está depredada, o portão foi retirado de um lado, e duas, das onze caixas de registro estão abertas e mexidas.

Figuras 07 (a e b) e 08 – Lixeiras depredadas e casa com os registros de energia, respectivamente.

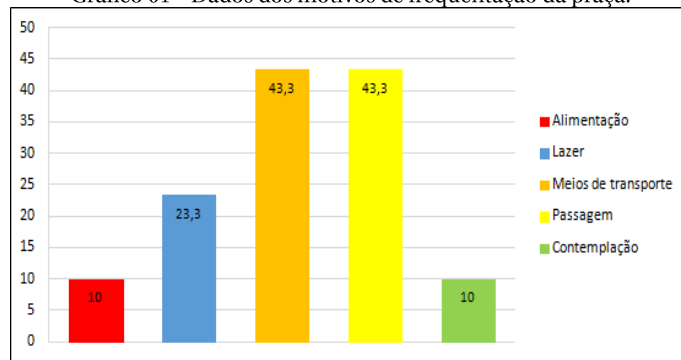


Fonte: Autora, 2020.

3.3 PESQUISAS PRÁTICAS E RESULTADOS

Para o desenvolvimento do trabalho, foi utilizada como método a aplicação de questionários, desta forma a pesquisa foi aplicada a uma fração amostral de 165 usuários, num período de um mês, *in loco*. No gráfico 01 evidencia que 43,3% vão à praça para embarcar em meios de transportes, 43,3% estão de passagem, usando-a para encurtar o caminho de um local a outro, 23,3% para o lazer, 10% para alimentação e 10% contemplação.

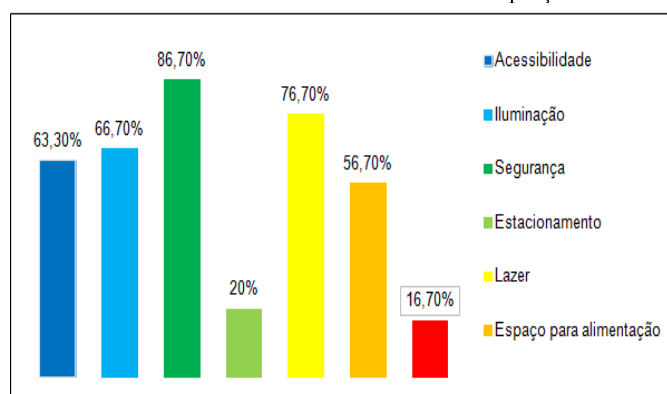
Gráfico 01 – Dados dos motivos de frequentação da praça.



Fonte: Autora, 2019.

Com o questionamento para saber se a praça precisa de melhorias, foram dadas opções, então no gráfico 02, obteve-se com 86,7% a segurança; depois com 76,7% o lazer; 66,7% a iluminação; 63,3% acessibilidade; 56,7% espaço para alimentação; 20% estacionamento e com 16,7% para meios de transportes.

Gráfico 02 – Dados de necessidades da praça.



Fonte: Autora, 2019.

De acordo com os dados coletados nota-se a necessidade de reorganização na praça. Segundo a população precisa da realocação dos comerciantes com venda de alimentos para que não atrapalhem o passeio público. A melhoria na iluminação é necessária, pois existem pontos aonde a luz dos postes não chega. Há a falta de organização dos carrinhos de alimentação e suas respectivas mesas e cadeiras, que são posicionadas na calçada, dificultando o passeio público e acessibilidade.

4 PROPOSTA ARQUITETÔNICA E COMPOSIÇÃO PROJETUAL

4.1 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

De acordo com a pesquisa de campo constatou-se que a praça, precisa reorganizar o seu espaço de modo a acomodar os vendedores sem atrapalhar o passeio, torna-se então necessário criar um espaço adequado. Outro diagnóstico foi à falta de um *playground* no local, pois devido à falta de um espaço para brincarem, as mesmas se divertem pulando nos bancos.

Notou-se que pessoas vão à redondeza de bicicleta e sem um espaço adequado para estacioná-las, desse modo implantar-se-á um bicicletário. Partindo disso, constatou-se a necessidade de melhorar os pontos de

motos e taxistas, para melhor conforto em espaço com cobertura adequada. A parada de ônibus também foi adequada para o fluxo de pessoas nos horários de pico e as necessidades das pessoas com deficiência.

Pela pesquisa de campo a área da praça contém variação de vegetação e espaços de contemplação, porém readequar-se-á tais espaços para um visual atrativo e agradável. Aliando a isso, a estátua de Cabralzinho, por estar em contato direto com a população, sua estrutura e base são alvos de vandalismo, logo, para preservá-lo, torna-se vantajoso um espelho d'água em torno do monumento.

Diante disso a praça foi dividida em setores, conforme o quadro 03, como uma estratégia de organização. De acordo com as necessidades encontradas na praça, foi realizado um quadro de necessidades para identificar o que precisa ser adicionado ao local existente, conforme mostra o quadro 04.

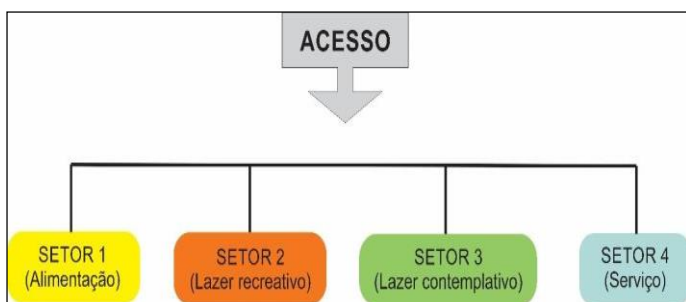
Quadros 03 e 04 – Setorização e Quadro de necessidades, respectivamente.

SETOR	AMBIENTE	QUANT.	NECESSIDADES
SETOR 1	Alimentação		Quiosques de alimentação
SETOR 2	Lazer recreativo	01	Playground
		01	Bicicletário
SETOR 3	Lazer contemplativo		Área de contemplação
		01	Espelho d'água
SETOR 4	Serviço	01	Parada de ônibus adequada

Fonte: Autora, 2018.

Na figura 09 observa-se o organograma dos ambientes da praça juntamente com o fluxograma, mostrando de forma esquemática como cada ambiente irá se conectar com outro e o acesso pode-se dar por todas as quatro áreas da praça.

Figura 09 – Organograma/ Fluxograma



Fonte: Autora, 2018.

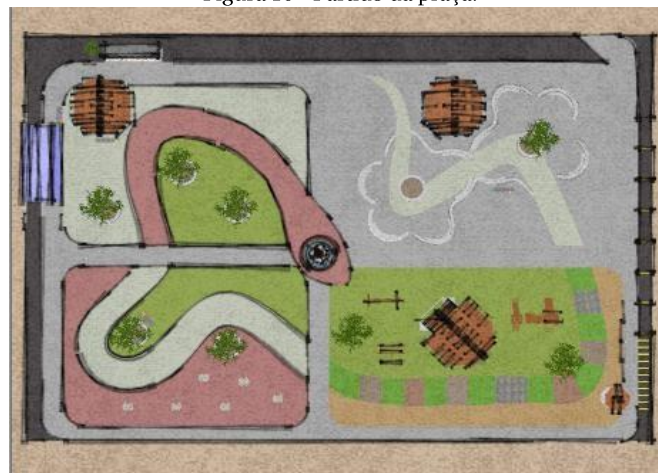
A revitalização da Praça Veiga Cabral resultou-se em uma organização do lugar e aprimoramento de pontos específicos, recuperando e beneficiando o local. A partir disso, tomou-se como base de pesquisa projetual três intervenções: a Praça Raul Soares⁴, devido suas entradas direcionais à fonte existente e ao piso, com representações geométricas, tornando-se referência à proposta, influenciando a uma relação com a cultura

⁴<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoos/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/89/bens-tombados-pra%C3%A7a-raul-soares> Acessado em: 16 de outubro de 2018.

⁵<http://infraestrutura urbana17.pini.com.br> Acessado em: 16 de outubro de 2018.

local, baseando-se no mito da cobra grande, como pode ser observado na figura 10.

Figura 10 – Partido da praça.



Fonte: Autora, 2020.

A Praça Bom Jesus⁵, apresenta semelhança à proposta, exemplo do ponto de taxi com recuo. Para a Praça Veiga Cabral é uma ótima opção, com estrutura e ambiente confortável para estes trabalhadores. E a Praça Nossa Senhora Aparecida⁶, devido seu parquinho. Pensamento válido, pois um playground para a Veiga Cabral é essencial visando os objetivos sensíveis para esta área, dando oportunidade as crianças de se divertirem.

Por conta do fluxo de pessoas na Praça Veiga Cabral, pensou-se, para o partido, os jardins sensoriais. Desta a organizou-se de acordo com os 5 sentidos humanos (visão, tato, paladar, olfato e audição): a visão foi colocado na praça em geral (figura 11). Por ser um sentido que, de certa forma, é constantemente usado, subdividi-lo seria um erro, porém as áreas contarão com *braille*, para as pessoas com deficiência exercer este tipo de sentido através do tato.

Figura 11 – Percepção dos quatro pontos da praça.



Fonte: Autora, 2020.

O olfato (figura 12), localizado na parte frontal direita da praça, terá como característica para aguçar o sentido

⁶<https://www.santos.sp.gov.br/?q=searchapi/node/portal%20praca%20nossa%20senhora%20da%20aparecida>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

plantas e flores aromáticas, que em pontos estratégicos iram abranger as áreas destinadas ao olfato.

Figuras 12 e 13 – Área do sentido olfato da praça, e área do sentido paladar da praça, respectivamente.



Fonte: Autora, 2020.

O sentido do paladar será encarregado pela praça de alimentação (figura 13), que organizará as barracas. Para o sentido da audição (figura 14), definiu-se o uso de sino dos ventos, que, em escala humana, irá ficar nas bordas da passagem por cima do corpo da cobra. Já o sentido do tato, será composto pelo *playground* (figura 15), uma parte do corpo da cobra.

Figuras 14 e 15 – Área do sentido audição da praça, e área do sentido tátil da praça, respectivamente.



Fonte: Autora, 2020.

4.2 MEMORIAL DESCRITIVO

O monumento do Francisco Xavier da Veiga Cabral passará por revitalização, devido exposição constante a intempéries. Tendo seu entorno cercado por uma fonte, a fim de melhor proteção e composição estética ao presente projeto proposto.

Na calçada da praça foi usado o intertravado, da Braston⁷. Em áreas livres de circulação será usado o piso chamado piso grama⁸. O piso é de modelo marroco, acabamento Fulgê Leve, na cor areia. Nas áreas livres para as pessoas sentarem ou fazerem piqueniques foi usado a grama-batatais, *paspalum notatum*⁹. Já no *playground* aplicar-se-á a areia média¹⁰, para absorção de impactos.

Para iluminação usou-se a VivaraZON¹¹. Aplicou-se também a The Urban¹² sendo a combinação de excelente iluminação urbana desempenho e atrativos diurnos e noturnos. As arborizações para compor a praça são a

Aldrago e Aroeira. Já para contemplar a área do olfato da praça, apresentam-se os arbustos Álisso (*Lobularia maritima*) e Manacá de Cheiro (*Brunfelsia uniflora*).

O *playground*¹³ utilizado na praça é confeccionado de madeira, tipo eucalipto, pintada com diversas cores e com tinta atóxica, tem seus cantos arredondados e com parafusos galvanizados, para maior conforto e proteção das crianças ao usufruir do mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo central de viabilizar e justificar a revitalização da Praça Veiga Cabral. Abordando as questões da realidade atual em que se encontra, com os equipamentos e seus usos, calçamentos, acessos, iluminação, arborização e seus próprios visitantes, neles se apoiaram os estudos e pesquisas que nortearam este trabalho.

Ao tentar alcançar tal objetivo, porém, percebeu-se que a reverberação de tais resultados obtidos em seu desenvolvimento se dá de maneira tão exponencial que assume uma importância que vai além do âmbito acadêmico, se tornando crucial, também, para os municípios de Macapá observar o cenário de descaso e, conseqüentemente, de infraestrutura precária das praças desta cidade.

Academicamente, este trabalho cria e atende questões, das quais pode-se destacar a importância do desenvolvimento de um estudo e pesquisa que mostre os padrões adequados em que se deva manter a infraestrutura de uma praça. Já socialmente, este se fez essencial a partir do momento em que as pesquisas mostraram a bagagem histórica e cultural que a praça exerce na cidade, característica peculiar, mas que destaca-a no meio urbano.

Sendo a necessidade de atender e dar acesso a todos dentro de suas diversas necessidades a praça é de suma importância, para que o local seja convidativo, confortável e que tenha uma infraestrutura na qual a sociedade possa usufruir, entender e querer conhecer a sua própria história e cultura, fazendo assim com que a Praça Veiga Cabral cumpra seu papel em meio urbano na qual demanda.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens:** guia de trabalho em arquitetura paisagística. 3. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens:** guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro. 2015.

⁷ <http://braston.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

⁸ <http://braston.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

⁹ <http://braston.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

¹⁰ <https://www.imperiodasplantas.com.br/grama-batatais-em-bauru>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

¹¹ <http://www.aquariuslife.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

¹² <https://www.akarilampadas.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

¹³ <https://brubring.com.br>. Acessado em: 21 de maio de 2020.

ALEX, Sun. Projeto da Praça: **Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo. Editora SENAC, 2008.

BELLÉ, Soeni. **Acessibilidade e Desenho Universal**. In: Apostila de Paisagismo. Bento Gonçalves: IFRS – Bento Gonçalves, 2013.

BEZERRA Aline Maria Marques; CHAVES, César Roberto Castro. **Revitalização Urbana**: Entendendo o processo de requalificação da paisagem. 2014.

CARTA DE JARDINS HISTORICOS BRASILEIROS – 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>. Acesso em 15.06.2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. **Carta de Reabilitação Urbana Integrada - CARTA DE LISBOA**. Lisboa, 1995.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo de; FRANCISCO, José; BRAGA, Roberto. Revitalização de Praças e Jardins nas Áreas Centrais de Cidades Médias Paulistas. In: II Encontro Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2004, Indaiatuba-SP. **Anais eletrônicos**. Disponível em: http://anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT14/carvalho_et_alii.pdf. Acesso em: 19 maio. 2020.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues; et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Editora da Universidade de Maringá – Fundamentaum (15), 2015.

DE ARAUJO, Renata Malcher. **As Cidades da Amazônia no Século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão**. 2.ed. Editora FAUP Publicações, 1998.

FERRAZ, A. C. P. TORRES, I. G. E. **Transporte público urbano**. 2ªed. São Carlos: Rima, 2004.

FLEURY, M.T.L.; WERLANG, S. **Reflexão sobre conceitos e abordagem metodológicas**. 2017.

FONSECA, J. J. S. D. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Apostila (Apostila de Disciplina) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, p. 127. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Portal Estados**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/panorama>. Acesso em: 26.04.2020

LIRA FILHO, J. A. DE; PAIVA, H. N. DE; GONÇALVES, W. **Paisagismo**. 1.ed. Aprenda Fácil Editora, Viçosa, MG. 2001.

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. **Paisagismo: Princípios Básicos**. 2.ed., Aprenda Fácil Editora, Viçosa, MG. 2012.

MACAPÁ. **PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO E AMBIENTAL DE MACAPÁ**. Macapá, P.M.M.

– SEMPLA, IBAM. 2004.

PISANI, M.A.J. **Projeto de Revitalização em Edifícios**. Sinergia, São Paulo, v. 3, n. 2, jul./dez. 2002.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

ROBBA, Fabio; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.